

# INTERAÇÕES DO GRAFITE E DO TURISMO EM PELOTAS/RS

**Cíntia Curvello<sup>1</sup>**  
**Dalila Hallal<sup>2</sup>**

## Resumo

O presente artigo analisa as possíveis interações entre grafite e turismo através do olhar dos grafiteiros e dos Órgãos Públicos Municipais de Pelotas/RS. O grafite é uma arte atual, inicialmente de rua, que possibilita a revitalização de locais abandonados e ganha espaço nas galerias de arte contemporânea, museus, estabelecimentos comerciais e, atualmente, já vem sendo incorporada a alguns roteiros turísticos. O presente trabalho foi realizado a partir de entrevistas com grafiteiros e Órgãos Públicos Municipais de Pelotas/RS. A técnica de entrevista é utilizada para manter conversações com o público-alvo sobre um leque de tópicos que possibilitem chegar aos elementos construtivos da análise. Em termos gerais, foi possível identificar que tanto os grafiteiros quanto os órgãos públicos consideram o grafite uma manifestação cultural existente na cidade e vislumbram possibilidades de interações entre essa arte urbana e o turismo em Pelotas/RS.

Palavras-chave: Pelotas, grafite, turismo.

## Abstract

This article analyzes the possible interactions between graffiti and tourism, through the eyes of the taggers and the Public Municipal Bodies of Pelotas/RS. Graffiti is a contemporary art which began in the streets, and which enabled the revitalization of derelict sites, now gaining space in contemporary art galleries, museums, shops and nowadays it has already been incorporated into some tourist itineraries. This study was conducted through interviews with graffiti artists and Municipal Bodies of Pelotas/RS. The interview technique is used in order to maintain the conversation with the target public on a range of topics that allow reaching the constructive elements of audience analysis. In general, we found that both the taggers and the public bodies consider graffiti an existing cultural event in the city and envision possibilities for interactions between this urban art and tourism in Pelotas / RS.

Keywords: Pelotas, graffiti, tourism.

<sup>1</sup> Possui graduação em Turismo pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), RS, Brasil. Especialização em andamento em Gestão Pública e Desenvolvimento Regional na mesma universidade.

E-mail: curvelloc@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Turismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), RS, Brasil. Tem experiência na área de Turismo, com ênfase em História do Turismo, atuando principalmente nos seguintes temas: história do turismo e do ensino superior em turismo; turismo e inclusão social; patrimônio; e hospitalidade.

E-mail: dalilahallal@gmail.com

## Introdução

O grafite<sup>3</sup> está ligado diretamente a vários movimentos, em especial ao Hip Hop<sup>4</sup>. Para esse movimento, o grafite é a forma de expressar toda a opressão que a humanidade vive, principalmente os menos favorecidos, ou seja, o grafite reflete a realidade das ruas (PERCÍLIA, 2012).

O grafite, antes desvalorizado, marginalizado e motivo de preconceito, hoje encontra menos resistência e conquista não só muros e postes, como também ganha as galerias de arte contemporânea, os museus, os estabelecimentos comerciais e até o interior das casas. Os grafites são expressões artísticas que se manifestam através de pinturas murais. Hoje em dia, muitas pessoas reconhecem que certos muros e paredes velhas de muitas cidades ficaram mais bonitos, pois ganharam cor e quebraram a monotonia das cidades contemporâneas.

Com a popularização da arte dos grafiteiros, muitas Secretarias de Cultura, ONGs e prédios particulares ofereceram seus espaços para a intervenção do grafite. O grafite é um ícone de contemporaneidade que tem uma força cultural extraordinária e conquista cada vez mais o olhar do morador da cidade, comportamento que influencia as direções dos órgãos públicos com a visão de valorizar e investir em locais apropriados para essa arte (ZUIN, 2004).

Sendo o grafite uma manifestação artística cultural, um fenômeno que se manifesta pelo mundo inteiro, é evidente que o turismo se apropria dessas manifestações culturais, da arte, dos artefatos da cultura.

Conforme Moletta (1998, p. 9-10), “turismo cultural é o acesso a esse patrimônio cultural, ou seja, à história, à cultura e ao modo de viver de uma comunidade”. Caracteriza-se pela motivação do turista em conhecer a história de um determinado povo, suas tradições e suas manifestações culturais, históricas e religiosas.

O grafite pode ser visto como um elemento que revitaliza o patrimônio arquitetônico, tornando os locais mais agradáveis e podendo contribuir para tornar esses espaços mais atrativos aos moradores locais e aos visitantes, pois representa uma manifestação artística e expressão de identidade de um grupo social.

Nesse contexto, pode-se dizer que o grafite surge como forma de manifestação, sendo uma expressão artística cultural cujos diversos suportes sociais estão relacionados ao modo de conviver em sociedade, fazendo com que cada vez mais a sociedade abra os olhos para novos caminhos a serem percorridos por quem busca desvendar essa arte urbana, podendo ser considerado um canal de informação alternativa dentro do espaço urbano.

<sup>3</sup> “A palavra italiana graffiti, traduzida para o português grafite ou grafite, designa tradicionalmente ‘inscrição ou desenho de épocas antigas, toscamente riscadas à ponta ou a carvão em rochas, paredes, vasos, etc.’ Em sua acepção mais recente refere-se à prática contemporânea (e a seus produtos) de escrita desenho em paredes e muros, geralmente utilizando-as de tintas sprays, gerando no português derivados como grafitar, grafitado e grafiteiro, etc. Tem-se documentado mais amplamente essa forma contemporânea do grafite, em metrópoles a partir da década de 1960, embora haja registros anteriores” (ALMEIDA, 2008, p. 02)..

<sup>4</sup> “O surgimento do hip-hop está diretamente vinculado à história da música negra norte-americana e a luta por espaço e visibilidade por parte desse segmento. Os guetos de Nova York - habitados majoritariamente por uma população negra e pobre - foram o local onde surgiram as primeiras experiências da cultura. De lá, o hip hop se disseminou para outras áreas, obtendo força principalmente nos centros urbanos que apresentam uma deficiente infraestrutura sócio urbana.” (SOUZA, 2004, p.34).

A escolha do tema justifica-se pelo momento singular que a arte urbana vive em nosso país com o crescimento constante das artes visuais nos espaços públicos das cidades. Ao observar a arte urbana, é evidente sua presença espalhada por diversos lugares e sua capacidade de atrair o olhar de muitas pessoas que por eles passam. Nesse sentido, o grafite tem potencial de atratividade, tanto para os moradores da cidade quanto para os visitantes, tendo em mente que as expressões culturais e sua pluralidade são condições essenciais para a existência do turismo.

O presente artigo tem por objetivo analisar as possíveis interações do grafite com o turismo em Pelotas a partir do olhar dos grafiteiros e dos órgãos públicos municipais. Especificamente, se propõe a verificar o olhar dos grafiteiros sobre a grafiteagem em Pelotas; analisar as relações entre grafite, cultura e turismo; averiguar se há envolvimento da Secretaria de Cultura com os grafiteiros da cidade; e verificar o olhar da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo em relação ao grafite na cidade de Pelotas.

Metodologicamente, o estudo foi baseado em uma pesquisa do tipo exploratória, que permite maior familiaridade entre o pesquisador e o tema pesquisado, visto que este tema ainda é pouco conhecido, pouco explorado. O estudo da problemática é qualitativo, caracterizando-se como uma pesquisa do tipo descritiva.

Para a coleta de dados, optou-se por entrevistas compostas por questões abertas, que permitem a obtenção de informações relevantes para a pesquisa e possibilitam maior flexibilidade.

O estudo se deu em duas etapas: a primeira, a fim de identificar o material bibliográfico disponível, e a segunda, referente às entrevistas, na qual foi aplicado um roteiro para cinco grafiteiros da cidade de Pelotas e outro roteiro para representantes indicados pelos órgãos públicos municipais – um representante do Departamento Artístico da Secretaria de Cultura (SECULT) e um representante do Departamento de Projetos e Planejamentos Turísticos da Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo (SDET), ambos da cidade de Pelotas.

As entrevistas foram previamente agendadas e realizadas em local definido pelo entrevistado, tendo sido gravadas e, em seguida, transcritas. Posteriormente, realizou-se a análise dos dados que se caracterizou como sendo predominantemente descritiva, a partir dos dados encontrados dialogando com a teoria.

### **Um olhar sobre o grafite e suas possíveis interações com o turismo em Pelotas**

De acordo com a história da arte, podemos encontrar os primeiros registros de grafite nas pinturas rupestres que representavam animais, caçadores e símbolos. Portanto, o grafite é uma prática muito antiga de expressão artística que, muitas vezes, também representava ideologias, delimitação de território, como, por exemplo, em Pompéia, onde a escrita nos muros foi preservada pela erupção do vulcão Vesúvio. Essas escritas continham xingamentos, propagandas políticas e até mesmo poesias; na Idade Média, muros de conventos eram pichados por padres que pertenciam a conventos rivais com o objetivo de expor ideologias, criticar doutrinas contrárias e difamar governantes; e, mais recentemente, no final de 1969 e início de 1970, as ruas de Los Angeles estavam repletas de pichações que tinham o objetivo de demarcar a disputa territorial pelo tráfico de drogas entre as violentas gangues Bloods (representada pela cor vermelha) e Crips (representada pela cor azul). Muitos autores defendem que todos esses dados sobre muralismos somados à Cultura Pop teriam dado origem ao grafite atual. Porém, há uma vertente que explica o grafite através da cultura Hip-Hop.

No final da década de 1960, em Nova Iorque (Estados Unidos), as condições e políticas vigentes acabaram promovendo um contexto de rebeldia e autoafirmação perante as instituições estatais. Dessas condições emergiram novas formas culturais, propiciadas pelas minorias marginalizadas que viviam nos guetos da cidade, quebrando os mecanismos de controle social em atuação. Uma dessas formas culturais foi a cultura soul, que viria a influenciar diretamente a cultura hip-hop como um movimento de cultura juvenil (GITAHY, 2002).

O termo hip-hop foi criado pelo Dj Afrika Bambaataa, que idealizou a junção dos elementos que compõem o movimento: o RAP<sup>5</sup> – RhythmandPoetry (música), o Breakdance<sup>6</sup> (dança) e o Grafite (arte plástica) (ROCHA, 2001).

O grafite, como os demais elementos, também surge como forma de manifestação, sendo uma expressão gráfica e plástica realizada por jovens. Surgiu em Bronx, bairro de Nova Iorque, onde os jovens escreviam e pintavam com tintas e spray diferentes superfícies para passar mensagens à sociedade. Acabaram por originar uma nova terminologia e uma nova linguagem icônica e textual (GITANY, 2002).

Segundo Lazzarin (2007), o grafite teve origem na França na década de 1960, com a contestação política do movimento estudantil. Em 1968, com a revolta estudantil em Paris, o spray, que é um equipamento de tinta atomizada, foi utilizado para protestar contra as instituições universitárias e manifestar a liberdade de expressão. Posteriormente se expandiu para a América, sofrendo influências dos movimentos hippie e punk nas décadas de 1970 e 1980.

Para essa arte de rua, encarada como manifestação artística cultural, a cidade é o suporte da expressão que está ao alcance de qualquer um.

Já no Brasil os movimentos estudantis foram ganhando força durante a ditadura militar e, para a campanha contra a opressão militar, esses movimentos faziam uso da pichação em muros, assim como as manifestações na Europa o faziam. Porém, o grafite ainda não tinha se estabelecido no Brasil como uma forma de expressão urbana, embora nos anos de 1950 já se visse um precursor do grafite. Nessa década, podiam-se ver vários edifícios com as suas fachadas pintadas retratando a história e a arte brasileira.

Na década de 1980, basicamente radicado em São Paulo até a segunda metade da década seguinte, o grafite de muros ganhou diferentes formas, volumes e combinações de cores em suas composições, associando-se diretamente às práticas musicais e de lazer juvenis. Ligado, deste modo, às dimensões do lazer urbano, à crítica social e política e a uma filiação ideológica específica, os grafites surgem como exercícios indispensáveis para a constituição autônoma das identidades individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos (ARAÚJO, 2003).

Desse modo, juntando-se os elementos da arte em mural retratada na década de 1950

5 Para Andrade (1996), o Rap surgiu como um estilo musical que tem uma forma de narração ritmada, originada do canto falado da África Ocidental e adaptada à música jamaicana da década de 1950. Foi também influenciado pela cultura americana dos guetos no pós-guerra. As letras das músicas denunciam a exclusão social e cultural, discriminação racial e violência policial através de longas descrições do dia-a-dia.

6 O Breakdance é uma dança e tem características específicas na expressão corporal. É realizado através de passos simétricos, dançados na vertical e horizontal, selecionando superfícies lisas e escorregadias. A dança foi inventada por porto-riquenhos insatisfeitos com a política a guerra no Vietnã, com performances que imitavam os helicópteros de guerra e soldados que voltavam mutilados. Dançada pelos B-BOYS, ela já atingiu popularidade comparável a outras danças modernas (FERREIRA, 2004).

e as formas muralistas de protesto, "... o grafite foi tomando corpo e se expandindo por outros espaços chegando a ser o que é hoje: uma comunicação dos panoramas social e cultural das urbes" (ZUIN, 2004, p. 2).

Na trajetória rumo ao 3º milênio, o grafite conquista espaço na mídia, nas novelas de TV, nas manchetes de jornais e, inclusive, na Bienal (CRUZ e COSTA, 2008). "A participação dos intelectuais começou a legitimar o grafite como arte". (KNAUSS, 2001). Exemplo disso foi o reconhecimento de importante corrente da comunidade artística brasileira, organizadora da Bienal de 1987, que convidou grafiteiros a expor em suas galerias.

Atualmente, o grafite está presente, simultaneamente, como arte de rua e arte institucionalizada, expressa na paisagem urbana das grandes cidades e integrada à sociedade, não sendo mais os grafiteiros tratados como marginais ou transgressores, mas sim aceitos ao estabelecerem uma relação sociocultural contemporânea com a cidade (ZUIN, 2004).

Organizações não governamentais incentivam e patrocinam projetos, entre eles os da ONG projeto Quixote e o do projeto Cem Muros, realizados nos 450 anos da cidade de São Paulo, em que muitos painéis foram grafitados, espalhando, assim, traços da cultura de um povo no corpo da cidade. Essas ONGs têm o apoio oficial das autoridades.

Apartir dos dados coletados com os grafiteiros da cidade de Pelotas e com representantes indicados pelos órgãos públicos municipais, identificamos o olhar sobre o grafite e suas possíveis interações com o turismo em Pelotas.

Os grafiteiros entrevistados são todos jovens e iniciaram seu envolvimento com a arte urbana a partir dos anos de 2004, quando conheceram essa arte que foi se disseminando para outras pessoas da sociedade. Prosser (2006) também identificou que as tribos do grafite são formadas, geralmente, por adolescentes e jovens.

O motivo que os leva a grafitar geralmente está vinculado à cultura Hip Hop, como nos coloca o grafiteiro A: "eu curti a cultura hip hop, então foi uma ligação entre essa cultura e skate". O grafiteiro B "já conhecia uma galera do skate, também curti hip hop, sempre desenhei e fui conhecendo e admirando a arte do grafite" e o grafiteiro D diz que sua motivação veio do hip hop, gênero musical que seu grupo de amigos sempre ouvia, sendo que um desses amigos grafitava e, a partir desse contato, começou a interagir com a arte de rua.

Este dado sobre a influência do hip hop também foi encontrado por Silva (2008, p. 33), quando cita uma entrevista com uma grafiteira: "Eu acho que grafite é arte não só do hip hop. É a arte acima da arte, sabe? Sem rótulos, nem nada. Grafite é uma maneira de expressão e todo mundo pode se expressar".

Desse modo, na realidade analisada percebe-se que o grafite tem influências de músicas do gênero Hip Hop e, assim como citado por Andrade (1996), o Rap surgiu como um estilo musical que tem uma forma de narração ritmada, as letras das músicas denunciam a exclusão social e cultural, discriminação racial e violência policial através de longas descrições do dia-a-dia, sendo possível ver o contexto social que se encaixa nesse gênero diretamente ligado ao grafite e que permanece na playlist da maioria dos grafiteiros entrevistados.

Outra característica da prática do grafite, enquanto elemento do hip hop é ser realizada no espaço público, ou seja, quase sempre se encontra exposta a céu aberto e costuma ser produzida por grupos de jovens que expressam suas ideias através de personagens

e/ou desenhos que, em geral transmitem informação.

Para Arce (1999, p. 128), a identidade social positiva desses jovens está relacionada à sua participação política através de suas experiências cotidianas. "Eles "querem dizer alguma coisa" através do grafite, da música ou de qualquer outra manifestação cultural. E ainda, as experiências, opiniões, sentimentos compartilhados por esses atores sociais permitem a formação do sentido de ação".

Em Pelotas, podem ser identificados diversos espaços onde o grafite é encontrado: muros, tapumes que cercam prédios em reformas, comércio, praças de bairros e, cada vez mais, residências e espaços privados. O grafite se encontra em maior escala na área do Porto de Pelotas, principalmente no entorno do campus das Faculdades de Artes Visuais e Design Gráfico da Universidade Federal de Pelotas. No entanto, registros revelam que os espaços utilizados para a prática do grafite estão migrando dos bairros e áreas mais específicas de Pelotas para o centro da cidade, sendo que em várias ruas da área central a arte já é encontrada em fachadas de estabelecimentos comerciais e espaços públicos, conquistando áreas diversificadas da cidade e espalhando, assim, traços da cultura de um povo no corpo da cidade. Essa migração do grafite para áreas mais visíveis, mais centrais, abre um leque para que outras camadas da sociedade vejam essa arte, fazendo com que o grafite ganhe um novo público, um novo olhar.

Assim, podemos encontrá-lo nos muros, na parede de uma casa vizinha, na fachada de uma residência, na estampa da bermuda do filho adolescente ou até mesmo decorando a sala de alguma grande empresária. Brissac (2004) destaca que o grafite pode ser encontrado nas paisagens urbanas, nas cidades, nos muros, no contexto que contempla as ruas.

Para os grafiteiros, essa arte representa a identidade de cada um, um modo de falar, mostrar sentimentos, ideias. Destacam que a sociedade como um todo está incorporando os discursos das classes mais baixas, da favela e da periferia, que passam a conquistar mais espaço. Nesse sentido, compreender a linguagem como prática social é entendê-la como uma forma de ação historicamente situada. Como sugere Moura (1990, p. 2), o grafite transforma a superfície neutra em "espaço social", o grafite é capaz de mostrar "outro funcionamento da superfície da cidade (como suporte, como campo de combate, e ao mesmo tempo região de uma liberdade)".

Apartir dos dados coletados, constatou-se que os grafiteiros compartilham o significado do grafite, uma vez que ele é percebido por aqueles que o praticam como uma manifestação artística, social e cultural contemporânea. Esse mesmo dado também foi encontrado por Silva, Lapechino e Gomes (2010, p. 6), quando destacam em seu estudo as respostas dadas pelos grafiteiros nas entrevistas: "podemos perceber, de modo geral, que o grafite é visto pelos seus sujeitos-autores como 'uma arte': declaração presente em todos os discursos dos entrevistados".

Para os grafiteiros, o olhar da comunidade em relação ao grafite vem mudando no sentido de que atualmente há mais respeito, admiração pela arte, visto nos dias de hoje como arte e não mais como vandalismo, pois o grafite por um longo tempo foi percebido como vandalismo pelo fato de seus atores se apropriarem do espaço e desrespeitarem a noção de propriedade. Para Tartaglia (2010), assistimos a um processo de legitimação e reconhecimento do grafite na sociedade brasileira, ganhando maior notoriedade. Para os entrevistados, essa mudança do olhar da sociedade perante o grafite foi um fator de importância para sua evolução nesse cenário de arte urbana.

São muitos os grafiteiros que praticam a arte do grafite na cidade de Pelotas. Alguns dos entrevistados se profissionalizam fazendo curso superior de Artes Visuais ou

Design Gráfico, o que torna o traçado mais técnico, e outros estão na arte por prazer, como um “hobby” no seu cotidiano.

Para os grafiteiros, essa arte está em contato direto com a população: o grafite é das ruas, essa é sua raiz. O grafiteiro, conforme Ramos (1994, p.53), “é como um coreógrafo do urbano, que tem a cidade como pano de fundo, como cenário, e os seus transeuntes e/ou habitantes como expectadores da cena cotidiana”.

Para os entrevistados, mesmo Pelotas sendo conhecida como uma cidade histórica, pelo doce, o grafite faz parte da cultura da cidade, essa arte está nas ruas em contato com a população, todos veem essa manifestação cultural, o que possibilita conhecer diferentes formas de vida social, as peculiaridades de cada povo, aquilo que o distingue dos demais. Isso, na contemporaneidade, é de extrema importância, já que vivemos em um momento de padronização cultural, a padronização de valores, o apelo ao consumo, que é difundido pelo sistema capitalista.

O grafite possibilita uma democratização da arte ao trazê-la diretamente ao público, podendo fomentar o interesse por obras artísticas, o que levará um maior número de pessoas a explorar o mundo da arte.

Segundo os grafiteiros, há uma migração do grafite para as galerias de arte e museus, e isso pode representar uma possibilidade para um público mais seletivo conhecer o trabalho do artista e prestar mais atenção aos trabalhos feitos na rua.

Assim, houve uma passagem do grafite das ruas para as galerias, em uma reapropriação do “marginal” pelo erudito. Este processo de absorção pode ser verificado, por exemplo, em campanhas publicitárias de empresas como a Coca-Cola, ou seja, não é apenas um fenômeno local brasileiro.

Contudo, os entrevistados ressaltam que não se pode descaracterizar a essência do grafite, cuja característica é ser uma galeria a céu aberto. Manifestam preocupação de que a absorção do grafite pelo sistema de arte passe pela anulação da sua força crítica-política, sendo esta substituída pelo decorativismo, isso porque suas formas e cores rejuvenescem e atualizam-se ao padrão visual contemporâneo.

Ao discutir a respeito da institucionalização do grafite como arte institucionalizada, sua absorção e domesticação pelo mercado de arte, Pinheiro (2007) lembra que o grafite nasceu sob a transgressão e se potencializou ao tomar todo o campo urbano como seu espaço, e aponta que para fazer parte do mercado de arte será preciso sucumbir, subjugar e domesticar-se frente à massificação dos produtos culturais, para assim atender à demanda, curadores e sua sanha.

Mas é preciso assinalar insistentemente que dentro da manifestação macro do grafite, a institucionalização é apenas uma fração da experiência e que não constitui, muito menos define, as condições de possibilidade intervencionista, contestatória, política e experimental desta expressão. Mas é necessário apontar alguns sentidos que se evidenciam no discurso efusivo do metier artístico sobre estes “novos” perfis do grafite (PINHEIRO, 2007, p.316).

O grafite por si só é eminentemente urbano, tomando toda a cidade como uma galeria a céu aberto, sua grande força está justamente no fato de não ter regras, tabelas de preço, seu espaço de arte é ao mesmo tempo suporte, pesquisa e conflito. O grafite é o tipo de arte que se mostra por si, já que se trata de uma arte eminentemente urbana. Seu locus é a cidade que pode ser percebida como uma galeria a céu aberto.

(PINHEIRO, 2007).

Esta perda de identidade do grafite frente à sua domesticação é percebida em inúmeros grafiteiros que, ao perceberem essa diluição da sua força, mantêm uma postura de retornarem à prática de rua, não se conformando à mera função decorativa (PINHEIRO, 2007).

Não é que o grafite exposto na galeria seja falso, tampouco é este o foco; entretanto, o grafite a céu aberto redefine e amplia o espaço da cidade, permitindo uma leitura muito mais ampla sem limitar-se às paredes nuas, limitadas e assepticadas (PINHEIRO, 2007).

Os grafiteiros percebem que há uma relação entre o grafite e o turismo, pois o grafite se tornou componente constante da visibilidade urbana. É difícil imaginar uma cidade sem a presença do grafite. O grafiteiro A aponta que “Pelotas é uma cidade “legal” no sentido de arte, da arquitetura, o que contribui muito para o turismo, e o grafite deixa a cidade mais colorida, aconchegante, ele faz parte desse universo imagético e é fator de enriquecimento visual do nosso cotidiano”. Outros grafiteiros também apontaram que Pelotas tem esse segmento de arte de rua, está a céu aberto para quem quiser ver, agrega múltiplos meios de expressão e linguagens diversas, o grafite está inserido em nossa vida diária, interferindo e ocupando os espaços imaginários sobre as cidades. Para a grafiteira C, Pelotas é uma cidade com características históricas, bem diferente das grandes metrópoles, em que o grafite é bem inserido e se vê no grafite uma possibilidade de ser mais um atrativo turístico na cidade.

Segundo os grafiteiros, em Pelotas são realizados eventos relacionados e direcionados para o grafite que atraem inúmeras pessoas, pois na cidade existem muitos artistas, sendo isso mais um atrativo. Ainda ressaltam que, atualmente, a prática do grafite chama a atenção de crianças, idosos e de toda a comunidade e, então, por que não chamaria a atenção de turistas? Lembram que por muito tempo o grafite e a pichação foram vistos como uma forma de vandalismo, mas que atualmente essa visão tem mudado. O grafite já é reconhecido como uma forma de arte e de expressão que, quando incentivada e aplicada da forma correta, pode auxiliar na construção de cidadania individual e coletiva chegando, inclusive, à diminuição da criminalidade, à inserção de jovens no mercado de trabalho, realçando os valores sociais e familiares. (LOPES, 2011).

Os órgãos públicos de Pelotas entrevistados, ou seja, a Secretaria de Cultura (SECULT) e a Secretaria de Desenvolvimento Econômico e Turismo (SDET) da cidade de Pelotas, consideram o grafite uma manifestação artística e cultural existente, pois é possível evidenciar várias artes em grafites nos muros da cidade. Consideram que o grafite contribui para a diversidade cultural e a criatividade e salientam que para aproveitar o potencial dos artistas locais poderiam ser desenvolvidos projetos visando profissionalizar essa atividade e dar oportunidade aos grafiteiros de manifestarem sua arte sem comprometer o patrimônio público, viabilizando painéis para exibição dos trabalhos e muros próprios para os artistas expressarem suas ideias. Essas iniciativas são simples de serem executadas e podem auxiliar na preservação da cidade e no desenvolvimento ordenado dessa expressão artística em Pelotas.

Conforme o representante da SECULT, o grafite é uma manifestação artística e cultural fortemente visualizada nos muros e tapumes da cidade de Pelotas, que têm uma equipe de grafiteiros qualificados, o que faz com que os residentes e o turista tenham uma galeria a céu aberto para apreciar e registrar essa arte. O grafite não é propulsor na cidade, nem um dos itens de maior atratividade, mas está a disposição para quem quiser ver.

No entanto, os órgãos públicos ressentem que essa relação do grafite com o turismo é mais explorada em grandes centros urbanos, e “Pelotas é uma cidade do interior e o processo para explorar o grafite se torna um pouco lento”, como foi apontado pela representante da SDET, “mas essa arte está em uma galeria a céu aberto, o turista está livre na cidade para apreciar o que mais o agrada, essa arte existe em Pelotas mesmo não tendo uma divulgação maior para o turista, mesmo a cidade não sendo referência nessa arte, ela está nas ruas para ser visualizada”.

Tanto os órgãos públicos quanto os grafiteiros destacam a necessidade de uma melhor divulgação e promoção dessa arte, seguida da ampliação dos espaços públicos para a criação da arte do grafite, o que tornaria o local mais atrativo.

A SECULT destaca que disponibiliza tapumes dos prédios históricos (quando esses estão em reforma) para os artistas grafitearem, e que também vem desenvolvendo oficina de grafite em bairros da cidade. Um dos grafiteiros entrevistados lembra que no ano de 2004 foi inaugurada uma pista de skate na Praça “Dom Antonio Zattera” e a SDET solicitou uma parceria com grafiteiros para grafitar a parte externa da pista, porém os artistas queriam que a SDET fornecesse e comprasse as tintas de spray e os materiais usados na pintura e a SDET não tinha como arcar com esses gastos, razão pela qual a parceria não foi efetivada. Esse aspecto parece ser um fator de impasse constante nas parcerias.

A representante da SDET apontou que o grafite é uma forma de expressão cultural e que essa arte das ruas, rica e diversa, se identifica cada vez mais com a identidade das cidades, principalmente metrópoles, que ganham ‘telas’ nas ruas através de artistas (muitas vezes) anônimos. Para a SDET, a tendência natural das cidades que apresentam muitos exemplares de grafites em sua cultura será a exploração turística, com passeios guiados pelas principais ‘galerias a céu aberto’ das cidades. Será uma maneira diferente e divertida de explorar e descobrir o que a localidade tem a oferecer. Ezabella (2009) diz, em uma matéria do jornal Folha Online da cidade de São Paulo, que os grafites se transformaram em roteiros turísticos, com a ideia de sensibilizar o olhar para a cidade. A matéria destaca que os visitantes, turistas nacionais e até internacionais comentam que é uma forma diferente de descobrir um bairro, sendo um passeio divertido e sério.

Para os entrevistados, a manifestação do grafite em Pelotas tem potencial para o turismo, tendo em mente que as expressões culturais e sua pluralidade são condições essenciais para a existência do turismo.

Os órgãos públicos também destacam o aparecimento do grafite em galerias, porém manifestam a preocupação de que o grafite perca sua essência. A representante da SDET salientou que essa migração pode ajudar a desmistificar o movimento e a valorizar essa forma de expressão fora dos núcleos em que é gerada.

A representante da SDET apontou que o grafite tem mais força e possibilidade de exploração turística em grandes centros. Já o representante da SECULT apontou interações entre o turismo e o grafite em Pelotas, pois os artistas fazem tapumes e oficinas em eventos de arte, e lembra que o turismo não é só para o turista, e sim para a comunidade, para que ela valorize seus artistas locais. Quando se quer abordar o turista, é necessário divulgar os eventos que têm grafite, exposições nas faculdades, nas galerias, para aguçar a curiosidade do turista que aprecia arte, em especial a arte urbana, e do próprio residente, ao reconhecer o outro pelo seu trabalho.

Os órgãos públicos veem no grafite uma possibilidade de inserir a comunidade no processo turístico local, fator de inclusão dos moradores com os artistas e com o

turismo, fator de desenvolvimento e identidade cultural dessa cidade, agregando uma nova atividade, o que irá refletir na geração de uma renda extra na localidade. Nesse sentido, o turismo consiste num vetor que motiva a participação ativa da comunidade em todo o processo – poder público, empresas privadas interessadas em contribuir para o desenvolvimento socioeconômico da localidade através da arte do grafite.

O turismo cultural tem a função de estimular os fatores culturais dentro de uma localidade e é um meio de fomentar recursos para atrair visitantes e incrementar o desenvolvimento econômico da região turística, que tem características favoráveis a esse setor de turismo com base nos princípios do desenvolvimento turístico sustentável. Dias (2006) elenca as principais manifestações culturais encontradas no território brasileiro explicando sua funcionalidade, sua simbologia dentro da sociedade e a resistência de tais manifestações após longo período de tempo, como, por exemplo, o jongo, folias de reis, festa do divino, samba, frevo, a lavagem do Senhor do Bonfim, festa de padroeiro, dentre outros. Podemos citar também a capoeira, o grafite. Além disso, o autor salienta que as manifestações são traduzidas em atrativos turísticos, contribuindo para o desenvolvimento local por meio da atribuição de valor econômico a elas. Esse uso turístico caracteriza uma nova funcionalidade social das manifestações culturais.

No mesmo sentido, retomando Dias (2006), constata-se que o grafite, enquanto manifestação cultural, pode ser traduzido em atrativo turístico, contribuindo para o desenvolvimento local por meio da atribuição de valor econômico a ele. Esse uso turístico caracteriza uma nova funcionalidade social das manifestações culturais.

Daronco (2013) destaca que uma relação de parcerias pode ser vista na cidade de Santa Maria, conforme reportagem do site CLICRBS, que opta por um futuro mais bonito, no qual uma concha acústica vai receber pintura e grafite. A prefeitura percebeu que não bastaria somente pintar o local para evitar as pichações (até porque isso já foi feito sem sucesso), por isso, a Secretaria de Cultura buscou uma alternativa: será feito um grafite.

“Esperamos que, com isso, não haja mais vandalismo e que a Concha seja assumida como um patrimônio de todos”, diz a secretária de cultura de Santa Maria, Lara Druzian. (DARONCO, 2013). Para os desenhos que serão feitos na Concha Acústica, o projeto “Apoie seu Muro para o Graffiti” buscou inspiração na função do local e na natureza.

Atualmente, já há um reconhecimento do grafite como atrativo turístico. Existem, inclusive, roteiros turísticos apresentando os grafites das cidades, como, por exemplo, no Rio de Janeiro, um paredão de 300 m<sup>2</sup> onde foi confeccionado um painel, em frente aos Arcos da Lapa. A iniciativa faz parte do programa de revitalização da área. Os grafiteiros fizeram desenhos que representam os símbolos da região, como o boêmio e o malandro, e esse painel, além de revitalizar, tem como objetivo divulgar a arte do spray e deixar o local mais bonito para receber turistas (FIGUEIRA, 2012).

Outra experiência é um projeto de grafite que gerou turismo sustentável na Gâmbia – África do Sul. Conforme o site NATURA EKOS<sup>7</sup> (2010), o objetivo foi fazer desse local um dos principais e mais renomados centros de turismo cultural sustentável. O movimento foi produzido país a fora e dezenas de muros foram pintadas, transformando vilarejos em projetos de arte viva. Além de promover o país africano como destino turístico responsável, outro objetivo do projeto foi a criação de conexões entre os artistas

<sup>7</sup> Natura Ekos é uma rede de produtos naturais que valoriza e reconhece a importância do patrimônio natural e do conhecimento tradicional para a conservação das tradições e da biodiversidade e usando-a para desenvolver produtos com texturas inusitadas e fragrâncias que evocam a exuberância das matas e florestas e o cuidado para o corpo. Apoia o desenvolvimento social, o fortalecimento da economia e a sustentabilidade ambiental de todas essas comunidades.

de rua e as comunidades locais, através da pintura. Para isso, todos os participantes conviveram por um longo tempo na comunidade onde iriam trabalhar. Os grafites feitos em Gâmbia são imagens relacionadas à cultura do local, como leões, zebras, elefantes, também grafites com imagens dos moradores, crianças, a raça africana e imagens que contemplam essa região.

Muitas experiências nesse sentido vêm sendo realizadas a partir das interações entre cultura e turismo com a comunidade dos grafiteiros e os órgãos públicos. Em alguns casos, o grafite é um fator que revitaliza o patrimônio, uma forma de incluir os residentes das cidades nessas parcerias, tanto os artistas com a valorização do seu trabalho, quanto a modificação de um espaço deteriorado com o tempo, levando cor e uma linguagem mais lúdica para a cidade.

### Considerações Finais

Através dos dados coletados, foi possível analisar as possibilidades de interação entre turismo e grafite. Tanto para os grafiteiros quanto para os órgãos públicos, o grafite é uma manifestação artística e cultural que faz parte do cenário da cidade, uma galeria a céu aberto que o residente e o turista podem apreciar.

O grafite é uma manifestação artística e cultural que pode ser mais um produto turístico em Pelotas. É bastante destacado que Pelotas tem “vocaçãõ” para o turismo cultural. Contudo, para os órgãos públicos, a relação do grafite com o turismo é mais explorada em grandes centros urbanos.

Verificou-se que, conforme a SDET, o grafite em Pelotas necessita de promoção e de apoio para que obtenha reconhecimento da sociedade como arte. Em Pelotas, a SDET ressaltou que a arte do grafite não é uma “referência”, que a cidade é coadjuvante nesse cenário, buscando seu lugar.

Essa arte contemporânea surge como um segmento a mais que está nas ruas da cidade, uma nova linguagem, uma forma de comunicação colorida, mais lúdica, aberta para todos os públicos, sem classe social, sem especificar seus simpatizantes; um segmento que leva arte ao público, uma valiosa forma de autoexpressão, dá vida ao lugar. Também pode contribuir na educação, a partir do reconhecimento da diversidade cultural, na sensibilização e na preservação do patrimônio.

Foi possível averiguar que há um envolvimento da Secretaria de Cultura com os grafiteiros da cidade. Porém, é um início de parceria, pois são poucos os projetos com o intuito de valorizar e divulgar essa arte, que atualmente em Pelotas encontra-se ou nos tapumes, quando os prédios históricos estão em reforma, ou em bairros, o que acaba por dificultar o acesso para todos, ficando muito restrito.

Também se identificou que hoje o grafite está presente tanto nas ruas (na recuperação de prédios, fachadas e lugares públicos antes deteriorados pelo tempo e pelo vandalismo), como nas galerias, e podemos perceber que tanto os grafiteiros quanto os órgãos públicos entrevistados percebem essa migração para as galerias com espaço distante à arte de rua.

O grafite nasceu fora das galerias, longe do glamour e espaços elitizados – fez dos esgotos, muros e becos a sua casa. Expôs para o grande público – rico ou pobre – todas as suas cores e personagens. Sem pedir permissão, tomou conta da cidade, e hoje, através de tantas formas diferentes de expressão, é um fenômeno artístico sem igual.

Pelotas é uma cidade histórica que preserva casarões, charqueadas, residências de grandes comendadores, charqueadores, divulgando a história oficial de uma elite pelotense; e o grafite se faz presente e se contrapõe a essa ideia de elite, por ser algo que veio da periferia, embora hoje conquiste novos espaços na cidade.

Nesse sentido, a sociedade literalmente levou o grafite para dentro de suas casas, não apenas em telas, mas principalmente em suas paredes. Organizações e empresas incentivam e patrocinam projetos, fazendo dessa prática de pintar muros, fachadas, paredes, postes, um exercício social e de cidadania. Na cidade de Pelotas, estabelecimentos comerciais utilizam da arte do grafite em suas fachadas, propagandas em muros que divulgam novos empreendimentos e restaurantes. Torna-se perceptível esse diálogo que já há entre o grafite e outros gêneros de linguagem e comunicação.

O grafite é uma manifestação cultural e artística que pode ser considerada também um atrativo turístico, bem como as demais manifestações existentes. Em Pelotas, o turismo cultural tem sido desenvolvido e o grafite pode ser incorporado a alguns roteiros turísticos, sendo também um atrativo para a cidade, pois a arte por si só atrai e o grafite é uma arte que revitaliza locais abandonados e é acessível, pois se encontra no espaço público.

Muito grafite quando concentrado em um local determinado pode elevar significativamente o perfil desse bairro, tornando-o um cenário de arte. Com o tempo, outros artistas se congregam lá, e o valor cultural da área aumenta. Isso, em longo prazo, pode ajudar a economia local, à medida que turistas se dirigem ao lugar para ver os grafites e florescem os passeios turísticos guiados para mostrar as redondezas aos visitantes.

O grafite tem potencial para ser um atrativo turístico democrático, pois se encontra nas ruas, sendo de fácil acesso a toda a sociedade e tem gerado um fluxo de pessoas que o buscam. Com um público engajado nas questões sociais e artísticas, o grafite tem possibilidade de ser mais um atrativo turístico em cidades em que existe essa arte.

Entendemos que o grafite em Pelotas ocorreu em um quadro contestador da juventude, que começou localmente na área universitária da cidade, mas logo atingiu outros espaços. Criou, assim, uma identidade e uma possibilidade de revitalizar o patrimônio, incluindo os residentes das cidades e tornando-se um produto turístico.

### Referências

ALMEIDA, Júlia. *O recado controverso do grafite contemporâneo*. Contemporanea, vol. 6, nº 1. Jun.2008.

ARCE, José Manuel Valenzuela. *O grafite: recriação cultural e expressões gregárias*. In: ARCE, José Manuel Valenzuela. *Vida de Barro Duro: cultura popular juvenil e grafite*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

ANDRADE, Elaine Nunes de (Org). *Movimento Negro Juvenil: um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo*. Dissertação de Mestrado. São Paulo : Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1996.

ARAÚJO, M.S. *Muro + spray: os jovens e os grafites de muros como produções estéticas críticas no ambiente urbano*. Antropologia Cultural (PPGSA/IFCS/UFRJ). Florianópolis, 2003.

- BRISSAC, Nelson Peixoto. *Paisagens Urbanas*. 3.ed. São Paulo: SENAC, 2004.
- CRUZ, D.M; COSTA, M.T. “Grafite e pichação – Que comunicação é esta?” LINHAS, Florianópolis, v. 9, n. 2,. 2008,p. 95 – 112.
- DARONCO, Marilice. *Um futuro mais bonito*. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/dsm/rs/imprensa/4,1300,4172825,22189>>. Acesso em 12 de agosto de 2013.
- DIAS, Reinaldo. *Turismo e patrimônio cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades*. São Paulo: Saraiva, 2006.
- EZABELLA, Fernanda. *Grafites em São Paulo se transformam em roteiro turístico*. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u579180.shtml>>Acesso em 7 de agosto de 2013.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- FIGUEIRA, Fernanda. *Graffiti e turismo?* Disponível em: <<http://maiespacopramim.blogspot.com.br/2012/01/graffiti-e-turismo.html>>. Acesso em: 21 junho de 2012.
- GITAHY, Celso. *O que é graffiti*. São Paulo: Brasiliense, 2002.
- KNAUSS, P. *Grafite Urbano Contemporâneo*. In: TORRES, Sônia (org.). *Raízes e rumos – perspectivas interdisciplinares em estudos americanos.*, Rio de Janeiro: Ed.7 Letras, 2001,p. 334- 353.
- LAZZARIN, Luís Fernando. *Grafite e o Ensino da Arte*. Revista Educação & Realidade, Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, v. 32, n. 1, Jan/Jun. 2007.
- LOPES, Joana Gonçalves Vieira. *Grafite e Pichação: os dois lados que atuam no meio urbano*. Universidade de Brasília. Faculdade de Comunicação Social. Curso de Comunicação Social. 2011.
- MOLETTA, V.F. *Turismo Cultural*. 3ª ed. Porto Alegre: Sebrae /RS, 2001.
- PROSSER, Elisabeth. *A cidade como suporte da arte de rua em Curitiba: uma perspectiva sociológica e antropológica*. Curitiba. 2006.
- MOURA, Fernanda T. Costa. *Estilhaços de linguagem nos muros da cidade*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, PUC-RJ, Rio de Janeiro, 1990.
- NATURA EKOS. *Projeto de Grafite gera Turismo Sustentável na Gâmbia*. Disponível em: <http://naturaekos.com.br/blog/responsabilidade-social/projeto-de-grafite-gera-turismo-sustentavel-na-gambia>. Acesso em 5 de agosto de 2013.
- PERCÍLIA, Eliane. *Grafite*. Disponível em: <<http://www.brasilescolha.com/artes/grafite.htm>>. Acesso em: 26 de julho de 2012.
- PINHEIRO, Luizan. *Grafite: Submissão, asfixia e bla, bla, bla*. [online] 16º Encontro Nacional da Associação Nacional de pesquisadores de Artes Plásticas Dinâmicas Epistemológicas em Artes Visuais. Florianópolis, 24 a 28 de setembro de 2007, p. 314 –324.
- RAMOS, Célia Maria Antonacci. *Grafite, pichação & cia*. São Paulo: ANNABLUME, 1994.
- ROCHA, Janaina; DOMENICH, Mirella; CASSEANO, Patrícia. *Hip hop: a periferia grita*. São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2001.
- SILVA, Renata Carvalho da; IAPECHINO, Mari NoeliKiehl; GOMES Valéria Severina. “O grafite como mediador em discussões educativas e culturais entre a escola e a cidade.” VI Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Salvador.Bahia. 25 a 27 de maio de 2010 – Facom-UFBal.
- SILVA, Vivian. *As escritoras de grafite de Porto Alegre: um estudo sobre as possibilidades de formação de identidade através dessa arte*. Dissertação de mestrado. Pelotas, 2008.
- SOUZA, Gustavo. *Novas sociabilidades juvenis a partir do movimento hip hop*. Animus: Revista interamericana de comunicação midiática. Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais Humanas. - Vol. III n 2 Santa Maria, NedMídia, 2004.
- TARTAGLIA, L. R. S. *Geograf(it)ando: a territorialidade dos grafiteiros na cidade do Rio de Janeiro*. Dissertação de mestrado (PPGEO-UFF). Niterói: UFF, 2010.
- ZUIN, A. L. A. *O grafite da vila madalena: uma abordagem sociosemiótica*. 7ª Conferência Brasileira de Folkcomunicação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, S.P. 2004.